

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
DOUTORADO EM PSICOLOGIA

MARIA RITA MACEDO CUERVO

**A FEIRA AGROECOLÓGICA COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE PRÁTICAS
CULTURAIS: IDENTIDADE, ALIMENTAÇÃO E RELAÇÕES PSICOSSOCIAIS**

Porto Alegre
Novembro, 2015

MARIA RITA MACEDO CUERVO

**A FEIRA AGROECOLÓGICA COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE PRÁTICAS
CULTURAIS: IDENTIDADE, ALIMENTAÇÃO E RELAÇÕES PSICOSSOCIAIS**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Área de Concentração: Psicologia Social.
Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais: Identidades, Práticas e Contextos.

Orientador: Prof. Dr. Adolfo Pizzinato

Porto Alegre
Novembro, 2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C965f Cuervo, Maria Rita Macedo
A Feira agroecológica como espaço de produção de práticas culturais: identidade, alimentação e relações psicossociais. / Maria Rita Macedo Cuervo. – Porto Alegre, 2015.
104 f.

Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Área de Concentração: Psicologia Social.

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais: Identidades, Práticas e Contextos.

Orientação: Prof. Dr. Adolfo Pizzinato.

1. Psicologia Social. 2. Alimentação. 3. Identidade. 4. Feira Agroecológica. 5. Sociabilidade. 6. Cultura. I. Pizzinato, Adolfo. II. Título.

CDD 301.1

Ficha elaborada pela bibliotecária Cíntia Borges Greff CRB 10/1437

MARIA RITA MACEDO CUERVO

**A FEIRA AGROECOLÓGICA COMO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE PRÁTICAS
CULTURAIS: IDENTIDADE, ALIMENTAÇÃO E RELAÇÕES PSICOSSOCIAIS**

Tese apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Psicologia, pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
Área de Concentração: Psicologia Social.
Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais: Identidades, Práticas e Contextos.

Aprovada em: ____ de _____ de 2015.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Adolfo Pizzinato

Profa. Dra. Renata Menasche
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS - UFPEL

Profa. Dra. Daniela Frozi
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ/BRASÍLIA

Profa. Dra. Marília Veríssimo Veronese
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Dedico esta tese aos produtores familiares, agroecologistas, que acreditam em uma forma alternativa de produzir alimentos e num mundo ecologicamente sustentável, socialmente justo e economicamente viável.

Em especial as famílias de produtores agroecologistas que fazem a Feira agroecológica FAE de Porto Alegre.

AGRADECIMENTOS

À minha família, que no últimos anos teve que conviver com a minha presença “ausente”, e pelo apoio durante o processo . Em especial a minha mãe, Helena Macedo Cuervo, que sempre esteve ao meu lado, apoiando e incentivando.

Ao meu marido Francisco Milanez pelos anos compartilhados com amor e cuidado e pela felicidade vivida ao teu lado. Grata por dividir comigo teu caráter, tua luta e por me fazer acreditar que é possível construir um mundo mais justo e digno, para todos.

Ao meu orientador, Dr. Adolfo Pizzinato, pelos muitos aprendizados durante o percurso do doutorado. Pelo acolhimento e pela calma na construção dessa caminhada e pela simplicidade no seu modo de ser. E que muitas vezes me “resgatou” nesta caminhada.

Às minhas colegas do curso de Nutrição da PUCRS e do IPA, pela parceria, apoio e motivação durante esse processo.

Aos professores que participaram da minha formação durante o doutorado e à todos os outros que tive na vida

À Dra Renata Mensche e Dra Fabiana Thomé da Cruz pela ajuda e motivação na qualificação do projeto de pesquisa.

Aos meus alunos, que me ensinam a cada dia, e me fazer ver que escolhi o caminho certo, a docência.

Agradeço aos produtores da Feira Agroecológica, pelos aprendizados, amizade e pela comida produzida.

E por fim, aos participantes deste trabalho, que dividiram comigo, suas ideias, sonhos e ideais de vida.

RESUMO

O presente estudo, apresentado como requisito para obter o grau de Doutor em Psicologia, apresenta reflexões sobre identidade, elementos culturais, psicossociais e ideológicos envolvidos na alimentação, através de uma feira agroecológica.

Objetivos: Compreender a feira agroecológica FAE como uma comunidade de práticas alimentares culturalmente significativas no eixo da produção, distribuição, preparo e consumo. Identificar os elementos culturais, sociais e ideológicos, e os tipos de relações envolvidos entre os atores sociais. **Método:** Foram realizados três estudos. No primeiro, um ensaio, são discutidos os aspectos psicossociais implicados nos processos alimentares. Uma vez que a escolha do que comer, na sociedade atual, é culturalmente pautada por processos mais amplos da sociedade global, é fundamental ainda considerarmos a configuração do capitalismo contemporâneo e seu impacto na produção de subjetividades. Os processos alimentares não são uma exceção nessa dinâmica capitalista. O segundo artigo traz reflexões etnográficas sobre uma feira agroecológica de Porto Alegre. A partir do andar na feira e principalmente pela aproximação dos atores, através das conversas, diário de campo e fotografias, foi possível ver a subjetividade nas relações. O terceiro artigo trata das discussões sobre as entrevistas. A análise das entrevistas foi realizada através da análise de conteúdo, com foco na análise temática. A fotocomposição ajudou nas discussões e apreensão de novos significados. **Resultados:** Foi possível identificar, através da “voz da comida”, aspectos como confiança e sociabilidade nas relações sociais, o consumo como uma forma de participação política e uma responsabilidade em relação aos problemas socioambientais. Uma preocupação com a alimentação e saúde. **Considerações Finais:** A participação na feira pode ser vista como uma busca de alternativas para a crise ambiental, social e de identidade da sociedade contemporânea. A comida que vem da feira tem identidade, é temperada com ideais e relações sociais, com toque de memória e afeto.

Palavras-chave: Psicologia Social. Alimentação. Cultura. Feira Agroecológica. Identidade. Sociabilidade.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.05.00-3 – Psicologia Social

Cuervo, M. R. M. (2015). *A feira agroecológica como espaço de produção de práticas culturais: identidade, alimentação e relações psicossociais* (Tese de doutorado). Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

ABSTRACT

This study, presented as a requirement for the degree of Doctor of Psychology, brings reflections on identity, cultural, psychosocial and ideological elements involved on eating through an agroecological fair. Objectives: to understand the agroecological fair FAE as a community of culturally significant food practices in the axis of production, distribution, preparation and consumption. Identify the cultural, social and ideological elements, and the types of relationships between social actors involved. Methods: it were conducted three studies. In the first, an trial, discusses the psychosocial aspects involved in food processing. Once the choice about what to eat [,] in today's society is culturally guided by broader processes of global society, it is essential also consider the setting of contemporary capitalism and its impact on production of subjectivities. Food processes are no exception in this dynamic capitalist. The second article presents ethnographic reflections on the agroecological fair in Porto Alegre. During the research at the street market and especially by the approach of the actors, through conversations, diary and photographs, it was possible to see subjectivity in relationships. The third article deals with the discussions about the interviews. The data analysis were performed through content analysis, focusing on thematic analysis. The typesetting helped in discussions and new meanings. Results: It was possible to identify [,] through the "voice of the food," things like confidence and sociability in social relations, consumption as a form of political participation and responsibility in relation to social and environmental problems. A concern with food and health. Final thoughts: the participation in the fair can be seen as a search for alternatives to the environmental crisis, social and identity of contemporary society. The food that comes from fair has identity, is spiced with ideals and social relations, with touch of memory and affection.

Keywords: Food. Organic Street Market. Identity. Sociability. Culture.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS.....	16
2.1 OBJETIVO GERAL	16
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
3 ESTRUTURA DA TESE.....	17
3.1 ARTIGO 1 - COMER: PRODUÇÃO, SOCIALIZAÇÃO E TECNOLOGIA NA SUBJETIVAÇÃO DA RELAÇÃO PESSOA-ALIMENTO	18
3.2 ARTIGO 2 - "A FEIRA, UM CAMINHO SEM VOLTA": REFLEXÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE A PRODUÇÃO E O COMÉRCIO AGROECOLÓGICO EM PORTO ALEGRE	41
3.3 ARTIGO 3 - CULTURA, IDEOLOGIA E RELAÇÕES SOCIAIS DE UMA FEIRA AGROECOLÓGICA	71
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS.....	102

1 INTRODUÇÃO

Esta tese de Doutorado intitulada: A Feira Agroecológica como espaço de produção de práticas culturais: identidade, alimentação e relações psicossociais, foi construída no Grupo de Pesquisa Identidades, Narrativa e Comunidades de Prática, coordenado pelo professor Dr. Adolfo Pizzinato do Programa de Pós Graduação de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Ela nasceu do meu envolvimento com a feira agroecológica, há cerca mais de 20 anos, quando eu comecei a frequentar como consumidora. Parecia-me interessante comprar diretamente dos produtores, produtos frescos e orgânicos, que geralmente eu adquiria na Cooperativa *Coolmeia*. Eram poucas bancas e poucos frequentadores. Frequentar a feira era algo que me remetia à infância, quando eu ia acompanhar nas compras da alimentação da casa.

Desde então “faço a feira”, no início mais esporadicamente e com o passar dos anos fui me tornando uma frequentadora assídua. Neste tempo a feira foi se transformando e percebo que nos últimos anos a mudança tem sido muito rápida. Quando falo nesta transformação estou me referindo a novas bancas como a participação de novos atores como ONGs e na quadra da Cooperativa Arco Íris, uma banca Café, com mesas na calçada e principalmente o número de frequentadores, que tem aumentado muito. A feira me transformou também, ampliou meu olhar sobre as questões da alimentação, em especial a ligação com os produtores. Muitos alimentos novos, fui conhecendo, as trocas de receitas, o aumento do consumo de frutas e verduras e o consumo de cereais integrais.

Ir à feira tornou-se um costume para mim, a alimentação da minha família é basicamente comprada na feira. O arroz é da banca do Juarez, o feijão e as rúculas da família Stefanovsky, as mini alfaces do Dodô e da Vera, a manteiga e o iogurte da banca de Lomba Grande, as bananas de Torres, da banca da Dona Maria, sempre compradas com a Elisete, os ovos da Cláudia e Marcelo, entre outros. A comida tem origem, significado, para mim, é estar mais próxima da terra, é *comida de verdade*. A feira é constituída por uma rede de relações, e a que eu acabo de descrever, é a de confiança.

Toda feira é muito bonita pelas cores e diversidade que tem e esta feira da qual eu “faço” parte tem a beleza das relações sociais que são construídas ao longo do tempo.

Vim para psicologia social estudar as relações culturais e sociais na Feira agroecológica, e a relação com as práticas alimentares. A identidade desse grupo que “fazem a feira” esta ligada com a agroecologia, que envolve questões sociais, culturais, éticas e ecológicas.

Durante o doutorado, busquei aprofundar o tema da alimentação, sob o ponto de vista da antropologia e sociologia. Fiz disciplinas como aluna especial, no Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Rural, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Além dessas disciplinas procurei nos Programas de Pós Graduação em Educação e em Ciências Sociais, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o aprofundamento da metodologia escolhida para o estudo.

Minha formação é nas ciências da saúde, sou Bióloga e Nutricionista. Mas entendo a alimentação humana como um fenômeno complexo, onde questões culturais, biológicas, sociais, ambientais, psicológicas e econômicas. Entendo a importância de expandir os estudos da área da alimentação, com este enfoque complexo. Sou docente do curso de Nutrição, e vejo a importância das Ciências Humanas e Sociais na formação do profissional Nutricionista. É fundamental a articulação das disciplinas técnicas específicas da nutrição com as disciplinas de natureza social, que dão embasamento teórico para relacionar aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos, com as questões nutricionais (Portroni, Elias, Fonseca, 2009). É fundamental entender a alimentação como fenômeno biológico e cultural e ir além dos nutrientes para compreender os significados envolvidos nas práticas alimentares e no que a tecnologia humana define como alimento, nas diferentes perspectivas. O foco exclusivo nos nutrientes é limitado, porque as pessoas não “comem” nutrientes, mas alimentos.

Parte-se aqui de um entendimento da alimentação humana como um processo social e cultural complexo, que leva à produção de vários sistemas, influenciados por fatores ecológicos, históricos, culturais, sociais e econômicos. São sistemas simbólicos onde os códigos sociais atuam no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza (Maciel, 2005).

O comportamento relativo à comida liga-se diretamente ao sentido de nós mesmos e a nossa identidade social (Mintz, 2001). Assim como nossa identidade também muda nosso comportamento alimentar.

Tanto o crescimento econômico quanto o aumento rápido da urbanização têm gerado efeitos importantes sobre as práticas alimentares globais (Helman, 2003). O processo de globalização leva a homogeneização e perda da diversidade nos planos econômico, ecológico e cultural, implicando também na cadeia de práticas alimentares constituintes do processo produção/distribuição/preparo/consumo de alimentos.

A ocidentalização maciça do modelo alimentar vem difundindo novas configurações de práticas alimentares, para contextos culturais que operavam em outras lógicas, incrementando assim o consumo de novos alimentos e sistemas globais de distribuição, aumentando o consumo de alimentos industrializados. Segundo Pollan (2008), a cada ano 17 mil novos produtos alimentícios são lançados no mercado.

O modelo de estudo de práticas alimentares, inclui as atividades entorno da comida como obtenção dos alimentos, preservação, preparação, apresentação e consumo. Esse conceito de práticas alimentares ampliou o potencial da comida como tema de interesse da Psicologia Social (Amon, Guareschi & Maldavsky, 2005).

Entendendo as práticas alimentares e comportamentos alimentares, como: todos processos relacionados com o comer, como a escolha, preparo, a companhia, o local, quantidade, a forma, a apresentação entre outros (Poulain, Proença e Diez-Garcia, 2012),

A escolha do que comer na sociedade contemporânea, é culturalmente pautada por processos mais amplos da sociedade global, especialmente ao considerarmos a configuração do capitalismo contemporâneo e seu impacto na produção de subjetividades. A preocupação em relação à comida está sempre presente no comportamento alimentar, a antropologia e a sociologia trouxeram à tona esta relação (Poulain, 2004).

Para além dos problemas de distribuição de alimentos na contemporaneidade uma grande questão a ser discutida, em especial nas sociedades desenvolvidas

pós-industriais, é a qualidade. O excesso de opções e a incerteza dos consumidores quanto da origem dos ingredientes gera mal estar e dúvida em escolhê-los.

A progressiva homogeneização e globalização alimentares estão levando à valorização e busca das raízes culturais, produtos regionais (produtos da terra) e o reconhecimento de que a “cozinha” constitui um patrimônio cultural e que deve ser preservado (Contreras, 2005).

Conforme aponta Santos (2001), a intensificação da interdependência transnacional e das interações globais faz com que as relações sociais pareçam hoje cada vez mais desterritorializadas, ultrapassando as fronteiras dos costumes, dos nacionalismos, dos idiomas, das ideologias e de todos os demais marcadores de fronteira antropológica – como as práticas alimentares - válidos desde o século XIX e até bem recentemente (Pizzinato, 2003). Contudo, nesse contexto emergem outras características da pós-modernidade: a ambivalência, dualidade e contradição (Pizzinato & Sarriera, 2008). Harvey (2012) caracteriza esse momento como um processo de rupturas e fragmentações internas, gerando uma crise de identidade.

A globalização tem existido por muitos séculos, sobretudo após a Revolução Comercial do final do século XV, como processo pelo qual culturas influenciam-se e tornam-se mais próximas através do comércio, da imigração e do intercâmbio de informações, ideias e práticas (Santos, 2001). Entretanto, em décadas mais recentes, o grau e a intensidade de conexões entre diferentes culturas e diferentes regiões globais tem se acelerado dramaticamente, graças aos avanços em telecomunicações e ao rápido incremento de interdependências financeiras e econômicas através do mundo (Pizzinato, 2003). Conseqüentemente, em anos recentes, a globalização tem se tornado um dos termos mais amplamente usados para descrever o atual estado mundial (Arnett, 2002).

Embora tal fenômeno implique-se na existência de todos, crescem os movimentos sociais no sentido de resistir à corrente, proteger-se das forças externas que parecem invencíveis, e que não se pode controlar nem deter. Seja qual for a natureza destas forças, ela é identificada pelo mesmo termo que a confunde: a globalização (Bauman, 2007; Pizzinato, 2003; Pizzinato & Sarriera, 2008).

Movimentos de resistência à globalização e homogeneização alimentar vêm surgindo em todo mundo como é o caso do *slow food*, surgido na Itália em 1986 com o objetivo de apoiar e defender a boa comida, o prazer gastronômico e um ritmo de vida mais lento (Petrini, 2009). O *slow food* está comprometido com a proteção dos alimentos tradicionais e sustentáveis, sustenta que a única agricultura que pode oferecer uma perspectiva de desenvolvimento é aquela baseada na soberania alimentar de comunidades locais em harmonia com o ecossistema. O movimento sustenta que “alimentar-se é um ato agrário” e os consumidores informados e exigentes tornam-se coprodutores. Um aspecto interessante é a construção de redes que conectam produtores e coprodutores (Petrini, 2009; Sassatelli & Davolio, 2010; Siniscalchi, 2015).

Em Porto Alegre foi fundada em 1989 a feira da agricultura ecológica, administrada por um grupo de produtores agroecológicos, da Cooperativa *Coolmeia* desde então funciona aos sábados pela manhã no bairro Bom Fim. Este modo de comercialização proporciona um contato direto de produtores e consumidores criando novas redes sociais, implicadas em diferentes práticas alimentares. A oportunidade de conversar com as pessoas que produzem o alimento, com outros compradores com os quais compartilham outros valores e práticas para além do campo alimentar, é a riqueza social deste espaço que, dualmente, é urbano e rural e tem a sustentabilidade como ideal, representada pelo alimento orgânico. Esta tendência alimentar, segundo Barbosa (2009), diz respeito à saudabilidade, que vai além da preocupação com a saúde, engloba a noção de bem-estar, envolvendo questões relativas ao meio ambiente, à forma de produção e criação de animais. Existe uma preocupação com a saúde física, espiritual, do planeta e uma conexão com os produtores. Daí surge a ligação com a agricultura familiar e com os alimentos orgânicos. A saudabilidade é mais do que uma tendência alimentar, a comida tem ocupado um lugar na vida das pessoas, podemos dizer que através dela as pessoas tem construído uma ideologia, uma postura política e ética diante da vida. As escolhas alimentares conscientes se tornam uma obrigação na sociedade contemporânea, além da qualidade, questões como comércio justo, dimensão ética, ecológica e autêntica dos produtos (produtos locais) estão em pauta. Quanto menos industrializados e mais artesanais e locais, melhor, mais naturais. A escolha do que comer transformou a alimentação em um campo de luta por identidades, a ideologia

alimentar passa a dizer quem eu sou (Barbosa, 2009; Fischler, 1995). Um dos problemas da sociedade urbana contemporânea é a ansiedade gerada em relação ao não saber o que comemos, isto é, com a industrialização da alimentação, o uso de aditivos, agrotóxicos e transgênicos (Menasche, 2004). Segundo Fischler (1995), o alimento moderno não tem identidade, pois não é identificável, é uma das fontes profundas de mal estar da alimentação na modernidade, se trata de um transtorno de identidade. Se consumirmos diariamente o que não sabemos, acabamos perdendo o domínio do próprio corpo, da pessoa, da sua identidade.

A própria proposta de feira, remete a um cenário de práticas sociais tradicionais que fomenta a relação interpessoal. A palavra feira, vem do latim *feria*, que significa “dia de festa”, é um local de vendas, trocas, encontros e conversas (Minnaert, 2008). Singer e Mason (2007), por exemplo, demonstram que as pessoas conversam dez vezes mais nos mercados de produtores locais do que em supermercados.

A organização dessas unidades de produção, significação e divulgação de práticas alimentares pode ser entendida como uma *Comunidade de Prática*, tal e como a define Wenger: grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que fazem e aprendem como fazê-lo melhor interagindo regularmente (Wenger, 2001; 2007).

Adota-se aqui um conceito de identidade de acordo com o postulado por Lopes de Oliveira (2006), que entende que a linguagem tem um papel central como expressão da identidade e como constitutiva de nossa experiência de mundo. Seguindo essa perspectiva sociocultural, o senso de identidade pode se expressar na forma de histórias – vividas, contadas, recontadas e intersubjetivamente transformadas. Esse caráter "narrativo" da identidade permite que se refira a ela como identidade narrativa. A comida como narrativa pode ser relacionada à forma sociológica da Psicologia Social, pois considera a construção social da mesma, conceberia uma voz da comida através da qual a sociedade fala, a comida é uma forma social de contar histórias (Amon, Guareschi & Maldavsky, 2005; Amon & Menasche, 2008).

As histórias contadas por uma pessoa são simultaneamente uma prática social (dirigidas a uma audiência, estruturadas com base em uma língua pela qual a

pessoa torna pública a experiência privada, e contendo crenças, valores e ideologias provenientes do contexto sociocultural), e uma atividade autoepistêmica (Lacasa, Del Castillo & García-Varela, 2005; Lopes de oliveira, 2006; Woortmann, 2006), por meio da qual o sujeito se reconhece e se transforma, ao gerar significados e comportamentos e ao assumir uma postura frente a eles (Pizzinato, 2009).

Compreender que as narrativas ilustradas pelos processos de pesquisa aqui desenvolvidos, constituem um contexto microgenético em que os sujeitos se apresentam publicamente enquanto agentes ativos da produção de conhecimento em saúde e (se) constituem em relação ao espaço gerado pelo contexto socioinstitucional onde se insere a relação, uma noção de si sustentado intersubjetivamente (Korobov & Bamberg, 2004; Lopes de Oliveira, 2006; Pizzinato, 2007; Poveda, 2004). No contexto das interações discursivas, os sujeitos aprimoram estratégias retóricas que vão fornecer o suporte necessário para a constituição de um senso de si, ao mesmo tempo imaginário (apoiado em imagens sociais e pessoais) e discursivo.

A feira pode ser vista como uma comunidade de práticas sociais, onde o conjunto de relações que uma pessoa e um grupo possuem, são fontes de reconhecimento, compartilham significados, e sentimento de pertença.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a organização “feira” agroecológica como uma comunidade de práticas alimentares culturalmente significativas no eixo de produção, distribuição, preparo e consumo de alimentos.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) identificar os elementos culturais, sociais e ideológicos constituintes de funcionamento da feira agroecológica enquanto comunidade de práticas alimentares significativas;
- b) identificar os tipos de relações estabelecidas entre os diferentes atores sociais da (na) feira agroecológica.

3 ESTRUTURA DA TESE

A presente tese está estruturada na forma de três artigos, que são:

- a) Artigo 1 - COMER: PRODUÇÃO, SOCIALIZAÇÃO E TECNOLOGIA NA SUBJETIVAÇÃO DA RELAÇÃO PESSOA-ALIMENTO;
- b) Artigo 2 - "A FEIRA, UM CAMINHO SEM VOLTA": REFLEXÕES ETNOGRÁFICAS SOBRE A PRODUÇÃO E O COMÉRCIO AGROECOLÓGICO EM PORTO ALEGRE;
- c) Artigo 3 - CULTURA, IDEOLOGIA E RELAÇÕES SOCIAIS DE UMA FEIRA AGROECOLÓGICA

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo sobre a complexidade da alimentação humana, através da Psicologia Social, enquanto campo de estudos de identidade, a partir de práticas culturais, possibilitou a ampliação do meu olhar sobre esta temática. Entendendo que as identidades são construídas através das relações sociais e dos elementos culturais constituintes da sociedade. Comida é identidade. Entendendo a comida, segundo DaMatta (1987), além de nutrientes, como um modo, estilo e jeito de se alimentar, que define não só o que se come mas também que o ingere. Partiu-se do entendimento da alimentação humana como um processo social e cultural complexo, que leva à produção de vários sistemas, influenciados por fatores ecológicos, históricos, culturais, sociais e econômicos. São sistemas simbólicos onde os códigos sociais atuam no estabelecimento de relações dos homens entre si e com a natureza (Maciel, 2005).

A Psicologia Social trouxe a possibilidade da interdisciplinaridade no estudo, busquei conhecimentos na área da antropologia da alimentação, sociologia da alimentação, estudos culturais e epistemologias ecológicas na educação .

O meu envolvimento com a pesquisa, a feira, os sujeitos que ‘fazem a feira’, pela experiência etnográfica, observações, entrevistas, conversas, fotografias, festas e visitas; teve uma forma não neutra, no sentido de eu ser parte desse grupo estudado. A Psicologia Social traz como um dos princípios a não neutralidade, não havendo separação entre pesquisador e pesquisados. Outro ponto importante foi a metodologia utilizada, chamada por Guareschi, Medeiros & Bruchi (2003) como *bricolagem*, que entende que cada pesquisa é única e o método deve ser construído segundo as características do estudo.

A pesquisa me aproximou mais deste grupo, construí relações de amizade nessa caminhada. Mas foi preciso, constantemente fazer o exercício do estranhamento do familiar (Velho, 1980), para poder ver as sutilezas da feira e me colocar enquanto pesquisadora.

Ainda sobre o método etnográfico a autora atenta para a atuação do pesquisador, para Weber (2002, p. 27) o etnógrafo deve antes de tudo, “*observar e escutar as pessoas, e não interrogá-las, para preservar suas iniciativas de*

classificação e o domínio sobre as palavras”. Durante o percurso do trabalho, muita observação e escuta fizeram o trabalho, ficou muito marcante “o lugar feira” como uma comunidade de práticas culturalmente significativas, onde a alimentação agroecológica é uma paixão e preocupação deste grupo de pessoas que fazem a feira, foi possível ver a subjetividade nas relações, especialmente a de confiança. Neste “lugar” fica evidente a dimensão cultural e social envolvida na alimentação.

Através das entrevistas, três dimensões emergem: sociocultural, ideológica e a relacional. No eixo sociocultural aparece a comunidade de práticas com o sentimento de pertença em relação à agroecologia e uma preocupação com a saúde, já no eixo ideológico uma responsabilidade com as questões socioambientais e uma atuação política através do consumo. A alimentação como um campo de atuação política, pode ser vista no caso de compras diretas do produtor e de produção agroecológica. Questão ambiental esta fortemente marcada, na feira. Por fim na eixo das relações, aparece a sociabilidade e confiança. Cabe destacar que as entrevistas completaram a etnografia as e vice versa.

Um ponto importante é a continuidade deste estudo, no campo das práticas alimentares. Utilizando o “espaço social alimentar”, como um conjunto de estruturas tecnológicas e sociais, que desde a produção até o momento de comer (Poulain, 2004). Estudando as práticas e comportamento alimentar, a partir do espaço social alimentar, feira agroecológica, e o espaço doméstico. Utilizando o método de Poulain & Proença (2003) como referência, as práticas alimentares mais objetivas, podem ser obtidas através de práticas observadas, reconstruídas e declaradas. E as práticas subjetivas, são representadas pelas normas, opiniões, valores, atitudes e símbolos.

Por fim, quero dizer da importância desse caminho percorrido, no entendimento da complexidade alimentar. Hoje posso dizer que meu olhar, enquanto bióloga e nutricionista, mudou, com a perspectiva cultural, psicológica e social da alimentação humana. Enquanto docente, entendo ser fundamental a discussão da dimensão subjetiva da alimentação, para formação de profissionais preparados, para enfrentar os desafios da alimentação. O comer na sociedade contemporânea é complexo, necessita reflexão constante e do entendimento de que é pautado pela

cultura, onde aspectos amplos da sociedade influenciam na produção de subjetividades.

O estudo da alimentação contemporânea necessita subsídios das ciências sociais e humanas, incluindo questões ambientais e agrícolas, políticas de alimentação e direitos humanos com o foco na alimentação (Medeiros, Amparo-Santos, Domene, 2013).

Este trabalho está em sintonia com o momento atual no nosso país, pós V Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, realizada em novembro deste ano, marcado pela luta de movimentos sociais engajados na temática da alimentação, por uma “Comida de Verdade”. Entendida como aquela produzida pela agricultura familiar, camponesa e indígena, de modo agroecológico, respeitando o ambiente, as questões de gênero, etnia e geracionais, e que promova a saúde. Um ponto importante é a valorização do simbólico, resgatando a cultura, respeitando a memória e saberes tradicionais. Também trata da soberania alimentar, pela autossuficiência alimentar do país, preservação da sementes tradicionais e a sociobiodiversidade. Essa luta confronta-se com o modelo alimentar hegemônico, das grandes transnacionais envolvidas na alimentação.

Os desafios são muitos, e um olhar interdisciplinar é necessário para dar conta da complexidade da alimentação.

REFERÊNCIAS

- Amon, D., & Menasche, R. (2008). Comida como narrativa da memória social. *Sociedade e Cultura*, 11(1), 13-21.
- Amon, D., Guareschi, P. A., & Maldavsky, D. (2005). La psicología social de la comida: una aproximación teórica y metodológica a la comida y las prácticas de la alimentación como secuencias narrativas. *Subjetividad y Procesos Cognitivos*, 7, 45-71.
- Arnett, J. J. (2002). The psychology of globalization. *American Psychologist*, 57(10), 774-783.
- Barbosa, L. (2009). Tendências da alimentação contemporânea. In: Pinto M. P., & Pacheco, J. K. (Orgs.), *Juventude, consumo & educação 2* (pp. 15-64). Porto Alegre, RS: ESPM.
- Bauman, Z. (2007). *Vida líquida* (2. ed.). Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- DaMatta, R. (1987). Sobre o simbolismo da comida no Brasil. *Correio da UNESCO*, 15(7), 22-23.
- Fischler, C. (1995). *El (h)omnívoro: El gusto, la cocina y el cuerpo*. Barcelona, ES: Anagrama.
- Guareschi, N. M. F., Medeiros, P. F., & Bruschi, M. (2003). Psicologia social e estudos culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In: Guareschi, N. M. F. & Bruschi, M. E. (Orgs.), *Psicologia social nos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Harvey, D. (2012). *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola.
- Helman, C. G. (2003). *Cultura, saúde e doença* (4. ed). Porto Alegre, RS: Artmed.
- Hernández, J. C. (2005). Patrimônio e globalização: o caso das culturas alimentares. In: Canesqui, A. M., & Diez-Garcia, R. W., (Orgs.), *Antropologia e nutrição: Um diálogo possível*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ.
- Korobov, N., & Bamberg, M. (2004). Positioning a “mature” self in interactive practices: How adolescent males negotiate ‘physical attraction’ in group talk. *British Journal of Developmental Psychology*, 22(4), 471-492.
- Lacasa, P., Del Castillo, H., & García-Varela, A. B. (2005). A bakhtinian approach to identity in the context of institutional practices. *Culture & Psychology*, 11(3), 287-308.

- Lopes de Oliveira, M. C. S. (2006). Identidade, narrativa e desenvolvimento na adolescência: uma revisão crítica. *Psicologia em Estudo*, 11(2), 427-436.
- Maciel, M. E. (2005). Identidade cultural e alimentação. In: Canesqui, A. M., & Garcia, R. W. D. (Orgs.), *Antropologia e nutrição: Um diálogo possível*. Rio de Janeiro, RJ: Fiocruz.
- Medeiros, M. A. T., Amparo-Santos, L., & Domene, S. M. A. (2013). Education of dietitian's in Brazil: Minimum clock hours of instruction for a bachelor's degree in nutrition. *Revista de Nutrição*, 26(5), 583-593.
- Menasche, R. (2004). Risco à mesa: alimentos transgênicos, no meu prato não? *Campos*, 5(1), 111-129.
- Minnaert, A. C. S. T. (2008) A feira livre sob um olhar etnográfico. In: Freitas, M. C. S.; Fontes, G. A. V., & Oliveira, N. (Orgs.), *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura*. Salvador, BA: EDUFBA.
- Mintz, S. W. (2001). Comida e antropologia: uma breve revisão. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 16(47), 31-42.
- Petrini, C. (2009) *Slow food: Princípios da nova gastronomia*. São Paulo, SP: SENAC.
- Pizzinato, A. (2003). Identificar(se) na pós-modernidade: etnicidade e globalização. In: Guareschi, P. et al. (Ed.). *Psicologia em questão: Reflexões sobre a contemporaneidade*. Porto Alegre: Edipucrs.
- Pizzinato, A. (2007) Identidade e gênero em famílias ciganas: negociações contemporâneas. In: Strey, M., Silva Neto, J. A., Horta, J. (Orgs.), *Família e gênero* (pp. 57-78). Porto Alegre: Edipucrs.
- Pizzinato, A. (2009). Identidade narrativa: papéis familiares e de gênero na perspectiva de meninas ciganas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1), 38-48.
- Pizzinato, A., & Sarriera, J. C. (2008). Identidade: elementos de etnicidade entre escolares. *Revista Interamericana de Psicología*, 42(2), 298-306.
- Pollan, M. (2008). *Em defesa da comida*. Rio de Janeiro, RJ: Intrínseca.
- Portronieri, F. R. D., Elias, R. C., & Fonseca, A. B. C. (2009). A importância das disciplinas sociais na formação em nutrição na percepção dos alunos. In: *Anais do XII Enpec*. Florianópolis, SC.

- Poulain, J. P. (2004). *Sociologia da alimentação: Os comedores e o espaço social alimentar*. Florianópolis: UFSC.
- Poulain, J. P., & Proença, R. P. C. (2003). O espaço social alimentar: um instrumento para o estudo dos modelos alimentares. *Revista de Nutrição*, 16(3), 245-256.
- Poulain, J. P., Proença, R. P. C., & Diez-Garcia, R. W. (2012). Diagnóstico das práticas e comportamento alimentares: aspectos metodológicos. In: Diez-Garcia, R. W. (Org). *Mudanças alimentares e educação nutricional*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Koogan.
- Poveda, D. (2004) Shared experiences and narrative positionings in the classroom. *Narrative Inquiry*, 14(2), 395-419.
- Santos, B. S. (2001). *Pela mão de Alice: O social e o político na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: Cortez.
- Sassatelli, R., & Davolio, F. (2010). Consumption, pleasure and politics: Slow food and the político-aesthetic problematization of food. *Journal of Consumer Culture*, 10(2), 202-232.
- Singer, P. & Mason, Jim (2007). *A ética da alimentação: Como nossos hábitos alimentares influenciam o meio ambiente e o nosso bem-estar*. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier.
- Siniscalchi, V. (2015). Food activism en Europe: changer de pratiques, changer de paradigmes. *Anthropology of Food*, S11. Retrieved from <http://aof.revues.org/7920>
- Velho, G. (Coord.) (1980). *O Desafio da cidade: novas perspectivas da antropologia brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Campus.
- Weber, F. (2002). Práticas econômicas e formas ordinárias de cálculo. *Mana*, 8(2), 151-182.
- Wenger, E. (2001). *Comunidades de prática: Aprendizaje, significado e identidad*. Barcelona, ES: Paidós.
- Wenger, E. (2007). Informal learning. In: *Conferência apresentada na E-learning Lisboa* (Vol. 7, pp. 15-16).
- Woortmann, K. (2006). O sentido simbólico das práticas alimentares. In: Araújo, W. M. C., & Tenser, C. M. R. (Orgs.), *Gastronomia: Cortes e recortes* (pp. 23-25). Brasília, DF: SENAC.